

REVISTA ON LINE DE POLÍTICA E GESTÃO EDUCACIONAL**v. 21, n. esp. 1, out./2017****EDITORIAL**

A tecnologia e a educação, por quê? Até onde? A tecnologia no seu sentido amplo tem sido associada a inúmeras áreas de influência tanto na educação em geral como no seu sentido estrito e formal da escolarização no âmbito dos sistemas de ensino e da unidade escolar, onde exerce maior influência, pois está presente desde o fazer pedagógico mais específico no dia a dia, passando pelo processo de gestão, de avaliação, estrutural e político. A tecnologia, em regra, acarreta certo desassossego social e as atitudes parecem tímidas, e, por vezes, preconceituosas do ponto de vista pedagógico, quando a situamos em um contexto educacional por conta de fundamentos, terminologias e nomenclaturas equivocadas ou inadequadas. A forma como a comunicabilidade se estabeleceu distribuída por toda a sociedade, por meio das redes de alta performance, equipamentos eletrônicos (do tipo smartphones) e softwares, na forma de aplicativos específicos com finalidade de comunicação, mostra que o momento carece de se estabelecer novas bases e novos debates para o papel da tecnologia na educação e na sociedade, tanto no que diz respeito aos conceitos como às situações efetivamente funcionais aplicadas. A tecnologia para assim aqui chegar desenvolveu-se a partir da década dos anos de 1940 nos Estados Unidos, fundamentalmente a partir dos cursos projetados para especialistas militares com o apoio de instrumentos audiovisuais, durante e após a II Guerra Mundial.

A Universidade de Indiana, em 1946, fez sua primeira apresentação como matéria no currículo, na perspectiva de uma Tecnologia Educacional, em Estudos de Educação Audiovisual, e sua manifestação ocorre, fundamentalmente, em instituições de ensino superior e de forma claramente instrumental. Contudo, assim posta, tornou-se, com certa rapidez, insuficiente do ponto de vista do desenvolvimento epistemológico da tecnologia educacional e dos fundamentos educacionais mais elaborados. No contexto da escolarização e do ensino, em particular, a abordagem do processamento da informação tem sido usada especificamente na pesquisa sobre meios educacionais, embora essa abordagem represente, até então, uma linha teórica dominante na

psicologia cognitiva, o estruturalismo cognitivo, que supõe uma visão geral dos processos mentais que se explicam, em parte, pela influência de fatores como os contextos sociais, culturais e institucionais, que incidem sobre o sujeito que aprende. Em uma dimensão não menos complexa, porém de maior espectro, inúmeras discussões nos apresentam, já há algum tempo, reflexões sobre o processo de construção das políticas educacionais que dizem respeito às TIC e suas incontáveis aplicações em todos os campos de conhecimento e aplicação e, ainda, tendo em vista o processo de incorporação das TIC ao sistema escolar e seus possíveis resultados. Essa integração na escolarização é um processo que tem se desenvolvido nas últimas décadas em todos os sistemas escolares dos países em melhor situação econômica (ou se preferir mais ricos), onde são considerados a partir de justificativas políticas, econômicas e empresariais, não só por argumentos de natureza didática ou psicopedagógica. A informática em geral e os sistemas computacionais específicos, no final do século XX, foi de tal ordem que os governos se conscientizaram sobre a armazenagem de registros em bases de dados relacionais: seu acesso e o processamento das informações nelas contidas se configuram como elementos estratégicos de fundamentais e prioritários para o futuro de cada nação e da economia mundial. Por tudo isso e muito mais, no escopo da RPGE – Revista on line de Política e Gestão Educacional – há um espaço de manifestação permanente para uma diversidade de ideias bastante ampla, confiando que se possa proporcionar o debate aberto e, nesse sentido, a última revisão editorial propõe, como objetivos e missão, a disseminação plural de temas que debatam com consistência a política e a gestão educacional e escolar em todo espectro possível para o assunto. Serve à divulgação de trabalhos científicos, entrevistas, resenhas e demais textos que possibilitem a reflexão e o debate, relacionados, prioritariamente, a essas temáticas, nacionais e internacionais. A temática voltada às tecnologias (no sentido amplo do termo) e à educação vem com o tempo se destacando nos textos e nos debates tanto internos (na área acadêmica) como nas mídias sociais e na imprensa especializada ou não.

A dimensão econômica dessa questão coloca diferentes dimensões sobre o debate que, por essa característica, ganha um espaço significativo fora da área acadêmica. Aspectos intrínsecos à dimensão de sua capilaridade na sociedade atual ampliam sua importância na dinâmica social, tornando tal assunto bem mais valorizado que os demais da educação. Essa questão, quando voltada para o processo interno da escolarização, fica diretamente relacionada com o que tem sido tratado como TIC –

Tecnologia de Informação e Comunicação – que, no Brasil, tem sido amplamente disseminado e envolvido significativa parcela da população brasileira.

Por fim, é preciso que se evidencie que as tecnologias da informação e comunicação transpuseram definitivamente a dimensão social, ao ressignificar normas de interação e de trocas no ambiente social e educacional, ao manifestar-se sob novas e provisórias formas de se construir e manter relações pessoais e grupais por meio das TIC. É uma situação que propõe desafios aos métodos usuais de produzir e aplicar conhecimento e se relacionar com o outro, onde algumas preocupações são suscitadas sobre as relações entre sociedade, cultura e novas tecnologias. Assim posto, a intenção da RPGE é, também, propor a abertura para manifestações que permitam disseminar ideários que apresentem os desafios de temáticas dessa natureza, complexa, por vezes contraditória, instigante e, pelas suas peculiaridades, pertinente, contemporânea e necessária. A questão que fica, então, é sobre como fazemos a mediação educacional e educativa a partir da intervenção tecnológica? Nos debruçemos, pois.

Sebastião de Souza Lemes

Editor